



Espiritualidade, mística e literatura: uma perspectiva protestante

Spirituality, mystic and literature: a protestant perspective

Roberto Ervino Zwetsch*

Escola Superior de Teologia (EST), Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, RS, Brasil

Resumo

O presente artigo desdobra as relações entre espiritualidade, mística e literatura da perspectiva da teologia protestante. O tema terá abordado em três tópicos, iniciando com o da relação entre teologia e espiritualidade como fundamento para a tarefa teológica, destacando as experiências de teólogos como Karl Barth, Hermann Brandt e Paul Tillich. No segundo tópico, trata-se das relações convergentes entre espiritualidade e literatura da perspectiva bíblica. No último tópico, aborda-se — a partir de exemplos selecionados da literatura brasileira — provocações que a literatura apresenta para a vivência da mística e da fé como expressões de uma espiritualidade viva, dinâmica e desafiadora.

Palavras-chave: Espiritualidade. Mística cristã. Literatura. Perspectiva protestante.

* REZ: Doutor em Teologia, e-mail: rezwetsch@gmail.com

Abstract

This article unfolds the relations between spirituality, mysticism and literature from the perspective of Protestant theology. The theme will be approached in three topics, beginning with the relation between theology and spirituality as the foundation for the theological task, highlighting the experiences of theologians such as Karl Barth, Hermann Brandt and Paul Tillich. In the second topic the author deals with the converging relations between spirituality and literature from the biblical perspective, leading to the last topic, which deals with — based on examples selected from the Brazilian literature — provocations that the literature presents for experiencing mysticism and faith as an expression of a live, dynamic and challenging spirituality.

Keywords: *Spirituality. Christian mysticism. Literature. Protestant perspective.*

Introdução

Espiritualidade é um tema do momento. Há muitos cursos de espiritualidade oferecidos nas igrejas e comunidades de fé, ou mesmo em outros âmbitos profissionais e sociais. O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), entidade ecumênica que incentiva a leitura popular da Bíblia, vem trabalhando a espiritualidade cristã, há décadas, com grupos populares e Comunidades Eclesiais de Base. Mas encontramos atualmente também, em diferentes lugares, outras concepções de espiritualidade que chamam a atenção.

Existem abordagens do tema direcionadas, por exemplo, para empresários que procuram por paz de espírito. Um livro muito difundido ultimamente é o famoso *O monge e o executivo* (HUNTER, 2004), que relata a história de um executivo que faz uma parada em sua carreira exitosa para superar frustrações, dúvidas e insatisfações. Ele encontra-se com a espiritualidade de um monge que também fora executivo e com quem estabelece amizade e realiza um aprendizado espiritual que muda sua vida. Mas, em meio a literatura de qualidade, encontramos um sem-número de livros de autoajuda, disponíveis em qualquer banca de revista de estação

rodoviária ou de aeroporto, nos quais a palavra espiritualidade aparece destacada. Nesse caso, pode-se perguntar sobre a pertinência dessa produção voltada para cultivar uma *espiritualidade* difusa, cujos alicerces nem sempre ficam bem estabelecidos.

De qualquer forma, há uma busca por espiritualidade que transcende os espaços das comunidades de fé e da teologia. O que isso nos tem a dizer? O mundo carece de *espiritualidade*? Numa visão superficial da realidade contemporânea, a resposta óbvia parece ser: Sim! Mas de que *tipo* de espiritualidade trata-se? Quais são seus fundamentos? Com que critérios avaliar os conteúdos dessa espiritualidade? A *espiritualidade cristã* tem algo próprio para contribuir com esse debate e com a busca por uma espiritualidade autêntica, libertadora e inspiradora para a vida? Que relação existe entre a busca por espiritualidade e mística nos tempos atuais e a proposta de Jesus de Nazaré?

No que segue, pretendo ensaiar uma resposta a tais perguntas em diálogo com a literatura, uma vez que nela podemos encontrar narrativas instigantes do drama humano. A literatura, em prosa ou poesia, desde longa data é fonte de uma aguda percepção da vida cotidiana, de sua história e de suas contradições. Ela fala da grandeza e da miséria humana. A literatura apresenta-nos um espelho que nos ajuda a pensar sobre nós mesmos e sobre o mundo. Sendo um meio de fruição e prazer, ao mesmo tempo instiga a refletir sobre o sentido da vida. Nisso há evidente proximidade com a narrativa bíblica e com a tarefa da teologia.

Quais são os caminhos para aprimorar essa relação convergente ou, pelo menos, aproximativa entre teologia e literatura? Um deles parece-me ser justamente o da *espiritualidade* e da *mística*, que transparece em muitos autores e autoras de renome, em especial no campo da poesia. Este texto dá continuidade a outros ensaios nos quais venho procurando trabalhar o tema da espiritualidade como desafio para uma vivência do evangelho fiel tanto à terra como ao céu (ZWETSCH, 2013, 2014). Uma vivência do amor que seja paixão e compaixão, liberdade e serviço libertador, ao mesmo tempo. Procurei, ainda, fazê-lo de uma *perspectiva protestante*, em diálogo aberto e frutífero com outras abordagens e experiências.

Teologia e espiritualidade: uma relação fundamental

Faz pouco tempo que a teologia e o ensino teológico no Brasil passaram a ser reconhecidos como parte do ensino superior no campo das ciências humanas e da filosofia. Mas a teologia ainda busca um lugar próprio para dar conta desse reconhecimento que, sem dúvida, representou um avanço para a oferta de cursos de teologia no Brasil. Por outro lado, porém, trouxe um sem número de interrogações sobre o que significa estudar e fazer teologia como uma das *ciências* do conhecimento humano na universidade brasileira, questões que ainda carecem de maior aprofundamento e discussão.

A teologia vê-se, então, diante do desafio de justificar essa posição alcançada depois de longa caminhada acadêmica e que, para boa parte da intelectualidade brasileira, é desconhecida. Mas há um âmbito da reflexão teológica que a questiona *a partir de dentro*. E esse é justamente o âmbito da vivência da fé, da prática da espiritualidade e da mística da fé.

O grande teólogo Karl Barth, considerado o maior teólogo protestante da primeira parte do século XX, ao final de sua vida como professor de teologia, escreveu um pequeno livro para estudantes de teologia que se tornou, na verdade, uma prestação de contas de sua existência teológica e dos embates que travou ao longo de várias décadas. Em sua *Introdução à teologia evangélica*, resultado de preleções a estudantes da Faculdade de Teologia de Basileia, Suíça, ele entrega um verdadeiro legado do que significa fazer teologia e o que a inspira e sustenta. Destaco aqui dois momentos do livro que me parecem fundamentais para se entender a teologia enquanto discurso sobre o *sagrado* e *a partir da fé*. Barth assim define teologia:

É a ciência à luz do conhecimento daquela palavra de Deus falada em sua obra, é ciência na aprendizagem da Escritura Sagrada, a qual testifica aquela palavra de Deus, é ciência que se empenha pela busca da verdade, busca esta à qual a comunidade, convocada por aquela palavra de Deus, não se poderá subtrair. É só desta maneira [...] que ela desempenha sua função de lógica humana acerca do *logos* divino. Só desta maneira [...] ela tem fundamento, justificação e finalidade. O poder que lhe permeia a existência é o poder *oculto* naquelas teses ou frases (BARTH, 2007, p. 36).

É importante observar como o grande teólogo humildemente reafirma algo que está na base de qualquer reflexão teológica: o *poder* que a sustenta está oculto, é intangível, indisponível não apenas aos “de fora” da teologia, mas também aos crentes da comunidade e aos que se dedicam à elaboração teológica. A que poder ele se refere? A resposta vem logo em seguida: é evidentemente o *poder do Espírito de Deus*. Mas essa evidência teórica não nos ajuda muito se não passar por nossa experiência como pessoa atingida pela fé e pela graça de Deus. Barth trabalha esse tema na quinta preleção que tem por título “O Espírito”. Ele explica:

Ruah, pneuma, é o nome bíblico desse poder de atuação soberana. E ambos os termos significam: ar movimentado e ar que se põe em movimento, sopro, vento, tempestade e, neste sentido (que no *spiritus* do latim e no “espírito” do português ainda transparece claramente, mas não em inglês, em que o termo *ghost* está em proximidade horripilante com “fantasma”): *Espírito* — cujo termo equivalente alemão, *Geist*, lamentavelmente não deixa transparecer o significado dinâmico do termo bíblico. Nós usamos o termo neste seu significado autêntico: “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Coríntios 3.17) — aquela liberdade de Deus de revelar-se aos seres humanos, de penetrar na sua vida, de libertá-los para si (BARTH, 2007, p. 38).

A meu ver, fazem parte do exercício teológico essas duas percepções de fundo: por um lado, a teologia é resultado de um esforço humano, da lógica humana, que procura responder à instigação da palavra de Deus; por outro lado, ela sabe-se movida ou instada por um *poder* que lhe escapa, insondável, mas sem o qual ela se torna um falar humano destituído de razão e fundamento. E mais: esse poder é livre e libertador, de modo que, ao realizarmos a tarefa teológica no *poder do Espírito*, confrontando-nos com a liberdade de Deus de revelar-se aos seres humanos e com a nossa própria liberdade proporcionada pelo mesmo espírito, que se vive na fé e pela fé. Nesse sentido, a nona preleção de Barth continua atual para quem ousa enfrentar o desafio da pesquisa e do ensino teológico. Barth descarta a fé como “termo central, de caráter ôntico” para o esforço teológico. Ele critica a ideia da teologia como ciência e doutrina da fé cristã, como se a pessoa, “ao invés de crer em Deus Pai, Filho e Espírito

Santo, tivesse de crer na fé da Igreja, expressa em tais termos sublimes”. Para Barth a questão da fé coloca-se de outra forma:

A fé é a *conditio sine qua non* [condição indispensável], mas não é (como poderia chegar a sê-lo) o objeto nem, portanto, o tema da ciência teológica. Seu verdadeiro objeto *requer* a fé, mas resiste à tentativa de fazê-la dissolver-se em reflexões e enunciações da fé. Quem não quiser reconhecer este fato não deverá se admirar da infrutífera labuta que [...] se lhe tornará o trabalho teológico. A fé como *conditio sine qua non* da ciência teológica! Isto quer dizer: a fé é o evento, a história sem os quais uma pessoa, não obstante todas as demais possibilidades e qualidades boas que lhe possam ser peculiares, em verdade não poderá se tornar e ser cristão e, portanto, teólogo (BARTH, 2007, p. 65).

A fé é o evento específico e constitutivo do *ser teólogo* ou *teóloga*. Ela o é da existência cristã como tal e, portanto, também da existência teológica. Mas esse evento não é tranquilo, pois ao mencionar a fé como fundamento da existência teológica, Barth aponta para uma experiência que significa “admiração, abalo e comprometimento”, algo que distingue a tarefa teológica de outras disciplinas igualmente significativas e memoráveis.

Fazer teologia implica, portanto, a fé e a vivência dessa mesma fé, que se traduz pela palavra *espiritualidade* ou por *mística cristã*. O professor Hermann Brandt (1940-2009), que lecionou no Brasil de 1971 a 1977 e concluiu sua carreira docente na Universidade de Erlangen-Nürnberg, ao retornar para a Alemanha, em fins de 1977, deixou-nos um livro importante sobre pneumatologia: *O risco do espírito* (BRANDT, 1977). Nele, expõe sua compreensão da teologia do Espírito Santo e traça um interessante diálogo (para alguns, impossível) entre Karl Barth, o teólogo querigmático, e Paul Tillich, o teólogo da mediação, da correlação. Trata-se de um texto denso e provocativo, a começar pelo capítulo 1, em que coloca o Espírito Santo como uma ameaça, sobretudo no âmbito das igrejas históricas. No capítulo 3, Brandt afirma que o Espírito Santo ou o espírito de Deus é o espírito de Jesus Cristo, presente hoje em sua comunidade e atuante no mundo (“o vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”, Jo 4,8). Essa definição bíblica, mesmo que pareça uma limitação da experiência do Espírito de Deus, por causa do Cristo Crucificado e Ressuscitado, aponta

para um poder vivificador e renovador que alcança toda a criação. É por meio de certos gemidos que o Espírito clama em nós, sobretudo em nossas dores, angústias, sofrimentos e mesmo na morte (Rm 8,26; Gl 4,6), quando por vezes menos nos damos conta dessa Presença. Mas isso é assim porque o Espírito é força *extra nos*, arrebatadora, que ultrapassa nossa mente e espírito e que sustenta os fundamentos da vida e do cosmo.

Para uma teologia luterana, ou protestante de cunho ortodoxo, a teologia do Espírito, afirma Brandt, é irritante porque faz da *experiência* um dos critérios da pneumatologia. E ao falar de experiência, quer dizer que a pneumatologia é o lugar em que na teologia “irrompe o subjetivo, o existencial, o vivencial” (BRANDT, 1977, p. 113).

Brandt, então, faz referência a duas personalidades que marcaram o século XX, uma no campo da teologia, outra no campo da atuação política como secretário da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele se refere ao testemunho de Dietrich Bonhoeffer, teólogo e pastor luterano que se opôs ao nazismo, participou de um complô para matar Hitler, foi por isso preso e depois enforcado em abril de 1945. No segundo caso, ele menciona o ex-secretário geral da ONU, Dag Hammarskjöld, diplomata sueco de tradição luterana e que morreu em 1961, numa circunstância sem explicação, quando em uma missão de paz durante a crise do Congo. Afirma Brandt que Bonhoeffer e Hammarskjöld

[t]estemunharam de forma existencial, vivencial, concreta e penetrante a experiência do espírito: ou seja, a ruptura e o fim de todas as limitações. Não podemos deixar de considerar esta experiência quando refletimos sobre a doutrina do Espírito Santo; pelo contrário, ela pertence ao centro da mesma se é verdade que o espírito tem a ver com a vida. Esta experiência também pertence ao cerne da pneumatologia mesmo se esta não foi articulada com as palavras do espírito, Espírito Santo, espírito de Deus ou espírito de Cristo. A experiência do espírito de Cristo precede sua articulação conceitual (BRANDT, 1977, p. 121).

Para os propósitos deste artigo, importa destacar uma afirmação de H. Brandt: nos testemunhos referidos nas cartas de Bonhoeffer (2003) e nos “pensamentos” de Hammarskjöld, encontrados apenas após a sua morte (HAMMARSKJÖLD, 1967), temos pessoas profundamente marcadas pelo amor de Deus e, por isso, dedicadas ao amor à humanidade, mas,

neles, surpreendentemente não se faz menção do “espírito”; no entanto, seus testemunhos de vida foram proclamações legítimas do que seja o espírito de Cristo (BRANDT, 1977, p. 122).

É essa visão prática e histórica da ação do Espírito de Deus que se torna chave de leitura para uma abordagem aberta e dialogal com a literatura. Mas antes de passar ao segundo tópico, gostaria de mencionar ainda outro exemplo dessa experiência do Espírito, aquela que transparece na vivência de Paul Tillich, teólogo luterano que em função perseguição nazista exilou-se nos EUA, onde desenvolveu a docência teológica e construiu a parte mais importante de sua obra, na qual se destaca a *Teologia sistemática*, em três volumes. Conhecido por sua profundidade filosófica e teológica, criticado por sua linguagem demasiadamente abstrata ao falar de Deus e de Jesus, o Cristo, uma das facetas de sua existência pouco conhecida é justamente a experiência que fundamenta seu extraordinário esforço teológico.

O teólogo anglicano Carlos Eduardo Calvani, importante estudioso da teologia e biografia de Tillich no Brasil, publicou em 2010 uma coletânea de ensaios a partir das chaves hermenêuticas da teologia de Paul Tillich que denominou *Teologia da arte* (CALVANI, 2010). No capítulo 4, com base na análise de sermões e fragmentos biográficos de Tillich, Calvani nos surpreende ao apresentar um homem de fé, consciente de toda a sua fragilidade humana, envolvido em situações de angústia por vezes insuportáveis e até demoníacas. Ora, é esse ser humano frágil e extraordinário, ao mesmo tempo, que é retratado por um de seus alunos, o psicanalista Rollo May. Num texto de 1973, reeditado e ampliado em 1987, May informa que seu estimado professor tinha uma personalidade intensa e envolvente, mas, ao mesmo tempo, de indisfarçável timidez. Em várias ocasiões, às vezes até mesmo durante suas concorridas aulas na universidade, a voz de Tillich se embargava e seus olhos lacrimejavam, o que surpreendia a muitos (MAY, 1987 apud CALVANI, 2010, p. 98).

Ao final do terceiro volume de sua *Teologia sistemática*, conta-se que ele escreveu a um amigo algo impensável: “Estou mais preocupado do que nunca. O sistema esfacelou-se. O que devo fazer? Recolher os pedaços? Declarar que a tentativa falhou? Tentar novamente — é o que provavelmente irei fazer [...]” (apud CALVANI, 2010, p. 10). Calvani

(2010) informa como o teólogo enfrentava esses momentos angustiantes. Ele acreditava que somente na solidão e no isolamento seria possível recuperar a capacidade criativa. Pois somente a solidão oferece a oportunidade de aprofundamento e clareza. Rollo May escreve que Tillich era zeloso nesse aspecto. Fazia questão de reservar tais momentos em sua rotina de trabalho, geralmente no início da manhã e após o jantar, por vezes prolongando-se até a madrugada. Sua secretária na Universidade de Harvard, Grace Calí, testemunhou algo importante sobre o teólogo:

Eu chegava pontualmente às 10 horas. Tillich chegava antes porque sempre fazia questão de ter um precioso momento de solidão durante pelo menos meia hora. Eu às vezes imaginava o que ele fazia durante esse tempo em que ficava sozinho no escritório fechado [...]; mais tarde descobri que ele lia a Bíblia e meditava nela e em textos budistas, de religiões orientais ou em obras de místicos. Sua sala particular era decorada com ícones, quadros e algumas estátuas de deusas, o que criava uma aura de misteriosa sabedoria e serenidade [...]. Seu período de silêncio e renovação cada manhã era inviolável antes de começar os trabalhos e atividades do dia. Ele me recomendava não lhe passar ligações telefônicas durante esses momentos (apud CALVANI, 2010, p. 101).

Penso que esse é um dos segredos da existência teológica, o aprendizado do silêncio e da meditação, sem o que não se dá o amadurecimento da vida de fé. É um desafio constante saber acompanhar o Senhor Jesus ao Monte, mas igualmente dele descer para a tarefa evangelizadora (Mt 17,1-13). Para Tillich, esses momentos não eram apenas de apaziguamento e renovação. Muitas vezes, significaram enfrentar demônios e verdadeira tentação, como transparece noutra parte do valioso testemunho de Grace Calí.

O que gostaria de reter dessas experiências diversas e tão densas é que a experiência do Espírito necessariamente se faz presente no fundamento da existência teológica. E é essa constatação que permite ao professor H. Brandt afirmar, a partir dos testemunhos de Bonhoeffer e Hammarskjöld, que a atuação do espírito como espírito de Cristo também se faz presente

ali onde ninguém o conhece ou menciona. Ele é o incógnito como o próprio Cristo. E ele nem sempre está presente ali — como o próprio Cristo — onde se clama “espírito”, “espírito”. Também este é um aspecto cristologicamente fundamentado do risco do espírito (BRANDT, 1977, p. 122).

Se, por um lado, podemos falar humanamente da graça e do amor de Deus movidos pelo seu Espírito, por outro, também humanamente podemos expressar tal experiência com nossas palavras ou palavras de outros, sem medo de um controle “teológico”, “bíblico” ou “doutrinário”. Nesse sentido, Brandt conclui que “não precisa ser necessariamente uma confissão cristã aquela que grita sem brados ‘Deus’, ‘Cristo’. ‘Espírito Santo’” (BRANDT, 1977, p. 135)¹. E para não ficar apenas numa conclusão negativa, ele acrescenta: “Quem experimentou o espírito de Deus, para este o espírito deixou de ser um ‘conceito’. Ele testemunha o ‘espírito’ praticamente como uma *realidade* evocada não por nós, mas por Deus mesmo em Cristo” (BRANDT, 1977, p. 135s).

Esta mesma conclusão encontro em outras reflexões contemporâneas, sobretudo na literatura, como se verá adiante.

Espiritualidade e literatura: relações convergentes

A *Bíblia* é um conjunto de livros que expressa a experiência e o testemunho de um povo com seu Deus. Mas ela também faz parte da literatura mundial. E como veremos, para alguns autores, ela apresenta narrativas, salmos, orações em linguagem verdadeiramente sublime, poética e eivada de sabedoria. Mesmo escritores não crentes têm se debruçado sobre o legado bíblico precisamente por seu valor como literatura clássica da antiguidade.

Entendo que a poesia é uma forma de linguagem altamente relevante para a vida das pessoas. Ela expressa-se tanto na vida pessoal como na comunidade, desde os primórdios da humanidade. Há, por exemplo, um poema bíblico atribuído à profetisa Miriã, irmã de Moisés, que em poucas palavras retém uma significativa experiência histórica e possui

¹ Anoto aqui o que escreveram Ceci B. Mariani e Heinrich A. Otten sobre espiritualidade: “espiritualidade até pode contemplar essas meditações contemporâneas. Todavia, os testemunhos preservados pelas grandes tradições filosóficas, religiosas e artísticas nos informam que espiritualidade é mais do que isso; é, na verdade, resultado e expressão da autocompreensão humana, enquanto ser religioso, isto é, aberto a uma realidade transcendente. Espiritualidade [...] é uma atitude ou um estilo de vida que tem em seu fundamento uma genuína experiência espiritual”. A arte como expressão da experiência espiritual: experiência de revelação e caminho de transformação (MARIANI; VILHENA, 2011, p. 20).

alto valor como documento redacional da participação das mulheres na teologia do povo hebreu: “Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou, e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Ex 15,21). A concisão e o paralelismo típicos da poesia hebraica fazem-se presentes em textos muito antigos, portanto.

O que desejo reafirmar aqui é que essas formas *poéticas* para expressar o encontro com o Deus vivo, presentes nos Salmos, na Sabedoria, nos Profetas e, principalmente, no ministério de Jesus (especialmente, nas parábolas), mais tarde continuaram nos cantos da primeira igreja e na poesia cristã de todos os tempos. Nós as encontramos tanto na poesia erótica de místicos da Idade Média (Teresa de Ávila, São João da Cruz) como na poesia contemporânea de Cecília Meireles, Adélia Prado, Armindo Trevisan, Maria Carpi, ou de teólogos e teólogas, como Thomas Merton, Pedro Casaldáliga, Ernesto Cardenal, Julia Esquivel. A poesia serve exemplarmente para comunicar a palavra de Deus como um falar *performativo*, uma forma que não apenas registra a realidade, mas ousa criar e fazer acontecer a realidade. Está mais para o *dabar* hebraico do que para o *logos* grego. Precisamente, essa é a linguagem da fé, que abriga o potencial de transformar a realidade (BINGEMER, 2011, p. 239, 2013).

Há pelo menos duas décadas, observa-se na teologia brasileira um interesse reiterado e crescente pela literatura como fonte de reflexão e de diálogo na pesquisa teológica. Um dos pioneiros nesses estudos foi Antonio Manzatto, com seu livro *Teologia e literatura*, em que elabora uma reflexão teológica sobre o imaginário religioso do povo brasileiro a partir da antropologia dos romances de Jorge Amado (MANZATTO apud MARIANI; VILHENA, 2011, p. 87-98). Mais tarde foi publicado um estudo do professor Antonio Carlos de Melo Magalhães, de tradição batista, na época docente da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), em São Bernardo do Campo, *Deus no espelho das palavras* (MAGALHÃES, 2000), que chegou a receber o Prêmio Jabuti na área de Religião. A importância desse livro está no fato de o autor estabelecer criativamente uma relação entre a fé cristã e a literatura, a partir do diálogo entre a teologia e a narrativa literária, o que ajuda a entender o destaque da tradição literária judaico-cristã na história da própria literatura universal. Não por acaso Haroldo de Campos estudou hebraico para ter a possibilidade de traduzir o Eclesiastes que, a seu ver,

encerra uma sabedoria ainda válida para o ser humano que se debate consigo mesmo em busca de sentido para a vida (CAMPOS, 1991).

Magalhães (2000) elaborou um método de leitura teológica da obra literária que chamou de *correlação*, de acordo com o qual não é a menção dos nomes divinos, de Deus, de Cristo ou da Igreja que explicita a presença da teologia nela; antes, é a recorrência de temas e elementos essenciais da fé cristã que valoriza o seu conteúdo e desafia o trabalho teológico, mesmo quando esse trabalho não pareça ortodoxo. Ele cita exemplos como o poema *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, o clássico romance de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, e a poesia de Adélia Prado. Em todos esses textos já consagrados na literatura brasileira contemporânea encontramos uma densidade fecunda para a compreensão da realidade brasileira e de sua gente (MAGALHÃES, 2000, p. 195s). Temos, então, uma convergência entre teologia, literatura e espiritualidade, que serve para arejar a teologia e sua reflexão, como se pode perceber no poema “Nigredo”, de Adélia Prado (1991, p. 334s):

Mais é de noite, quando a alma vigia,
e um olho, que não o do corpo, espia.
Deus! Clamo no escuro,
Ó Deus, Deus!
Mas não sou eu quem chama
é Ele próprio quem se chama
com minha boca de medo.
O fundo do rio rui.
Meus filhos, meus filhos,
o homem que me escolheu,
eu, eu, eu
que sol mais cru no centro desta treva:
'mãe, guarda a janta pra mim'.
Nem a terra toda cobre esta nudez,
nem o mar, nem Deus que me trata
como se eu fosse divina.
Ele não é o que dizem,
grita, convoca à loucura,
furta de mim as delícias
que nos sonhos concede:
os peixes dentro da rocha,

primeiro de vidro,
depois vivos, frementes,
da mãe do cristal pendentes,
da mãe da ametista.
A boca está seca, é sede.
Ele quer água, eu bebo,
quer urinar, levanto-me,
sem roupas ando na casa,
tem piedade de mim.
A humilhação me prostra,
meia-noite, meio da vida a pino,
a cova, a mãe, o grande escuro é Deus
e forceja por nascer da minha carne.

A experiência mística nesse poema é profunda e dá conta de como a presença de Deus na vida de uma pessoa de fé pode representar verdadeiro assombro, prostração, mas, ao mesmo tempo, a graça de senti-lo forcejando por nascer — de novo e sempre — de dentro da nossa carne mortal, para torná-la partícipe de sua divindade. Deus presente como incômodo e como fonte de sentido para a vida rotineira e seus labores.

Literatura, mística e fé: provocações para uma espiritualidade viva

Cabe, então, seguir adiante selecionando exemplos de como a literatura, em poesia ou prosa, guarda um acervo extraordinário para a teologia e a vivência da fé e da mística cristãs. Vou me ater a outro poema de Adélia Prado, uma vez que em sua poesia “leiga” encontramos experiências de rara profundidade teológica e beleza estética. Entendo que tais experiências revelam uma paixão humana e existencial que enraíza a compreensão de Deus no *pathos* de uma vida transfigurada. Como escreve Rodrigo Portela, a propósito da poesia de Adélia Prado:

A mais bela poesia de Adélia Prado é esta: celebrar a esperança do corpo. Deus é corpo, Deus quer corpos. E este é o mistério [...] enquanto humanos buscamos o espírito, Deus, ou seus anjos, busca(m) o corpo, com todos os feixes humanos que ele contém. Adélia entendeu. E fez da vida do corpo, dela e de Deus, a sua poesia (PORTELLA, 2008, p. 106).

No poema “Festa do corpo de Deus”, encontro em Adélia Prado um dos temas centrais da teologia protestante, isto é, a experiência da cruz, que dá origem à *teologia da cruz*, de Martim Lutero, e se torna, na teologia de Paul Tillich (1992), o *princípio protestante* a partir da teologia do *kairós*:

Como um tumor maduro
 A poesia pulsa dolorosa
 Anunciando a paixão:
 “Ó crux ave, spes única
 Ó *passiones tempore*”.
 Jesus tem um par de nádegas!
 Mais que Javé na montanha
 Esa revelação me prostra.
 Ó mistério, mistério,
 Suspenso no madeiro
 O corpo de Deus.
 É próprio do sexo o ar
 Que nos faunos velhos surpreendo
 Em crianças supostamente pervertidas
 E a que chamam dissoluto.
 [...]
 E teu corpo na cruz, suspenso.
 E teu corpo na cruz, sem panos:
 Olha para mim.
 Eu te adoro, ó salvador meu
 Que apaixonadamente me revelas
 A inocência da carne.
 Expondo-te como fruto
 Nesta árvore de excreção
 O que dizes é amor,
 Amor de corpo, amor.
 (PRADO, 1991, p. 279)

Como é possível enxergar amor num corpo torturado e nu? Aqui estamos diante de uma experiência única, desconcertante, quase escatológica. Só quem sofreu e superou a visão da aparência, aprendendo a amar, consegue compreender o Cristo da cruz e amá-lo como salvador, como libertador (cf. Lc 7,35-50). Só quem ama o torturado e nu consegue ser por ele transformado: “eu te adoro, ó salvador meu”, escreve Adélia. Essa pessoa desvenda a mentira que desvaloriza o corpo, fazendo dele mercadoria

de tráfico humano. Assim, descobre a salvação do corpo, o resgate da plenitude humana, do ser inteiro à luz do Crucificado e Ressuscitado².

Por isso, é possível afirmar que espiritualidade cristã não teme as crises nem o lado obscuro da vida. Antes, assume-as porque sabe que seu Redentor vive. Tal espiritualidade resiste às tempestades e ao caos. Redime, consola, frutifica, expande-se, transforma e cala fundo nas pessoas que se abrem para a *noite escura*, em que se escondem tristeza, frustração, desengano, covardia. Só assim compreendemos o que o apóstolo Paulo aprendeu em sua experiência espiritual como discípulo de Jesus: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

Considerações finais: para continuar a reflexão

O tema *espiritualidade e literatura* é instigante. Neste breve artigo procurei alinhar alguns pensamentos que possam servir de estímulo para novas sondagens e descobertas. Entrementes, fico pensando que muito tesouro literário continua escondido na literatura brasileira e precisa vir à luz. O professor Iuri Andreas Reblin dedicou-se, em sua dissertação de mestrado, a percorrer os caminhos da teologia *poética* de Rubem Alves, de tradição presbiteriana, resultando daí um belo livro, que faz descobertas inéditas no pensamento do teólogo, psicanalista e escritor de livros infantis (REBLIN, 2009). De minha parte, a análise, por exemplo, do livro de Rubem Alves, *Variações sobre o prazer*, em que o autor revisita obras de Santo Agostinho, Nietzsche, Marx, além de resgatar das telas do cinema a figura extraordinária da *chef* de cozinha Babette, pode inspirar uma nova compreensão da fé e da espiritualidade cristã e de seus desafios contemporâneos (ALVES, 2011). Concluo com um fragmento de um poema de Armindo Trevisan, “Elogio da nudez”, que considero dos mais belos desse poeta, do ponto de vista daquilo que aqui procurei apresentar (TREVISAN, 2001, p. 35):

² Para aprofundar a hermenêutica da poesia de Adélia Prado, ver Boehler (2010).

Quando me vejo nu,
carne e tamanho apenas,
sofrendo a garra de algo
que não me orna, nem me afaga:
sinto por dentro um silêncio
que me deixa ainda mais nu!
Quando me vejo nu
ao sol que me róí, parado,
ao sal que me entra na vida,
ao ar que me desnuda a alma:
fico no mundo sem par,
desejando me enterrar.
Ah, que desnudez faminta!
[...]
Só um homem todo nu
pode acreditar em algo.
num pássaro azul, em Deus,
numa coisa irreversível...

Referências

ALVES, R. *Variações sobre o prazer*: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta, 2011.

BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. Trad. Lindolfo Weingärtner. 9. ed. Revisada. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2007.

BINGEMER, M. C. Deus: experiência originante e originada. O texto materno-teológico de Adélia Prado. In: DE MORI, G.; SANTOS, L.; CALDAS, C. (Org.). *Aragem do sagrado*: Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 2011, p. 235-267.

BINGEMER, M. C. *O mistério e o mundo*: paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOEHLER, G. *Erótico em Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid*: uma proposta de diálogo entre poesia e teologia. 2010. 205 f. Tese (Doutorado em Teologia) — Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

- BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2003.
- BRANDT, H. *O risco do espírito: um estudo pneumatológico*. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- CALVANI, C. E. *Teologia da arte: espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich*. São Paulo: Fonte; Paulinas, 2010.
- CAMPOS, H. de. *Qohélet*. São Paulo: Perspectiva, 1991. Traduzido do original hebraico.
- HAMMARSKJÖLD, D. *Pensamentos*. Rio de Janeiro: Casa Vecchi, 1967.
- HUNTER, J. C. *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Trad. Maria da Conceição F. de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- MAGALHÃES, A. C. M. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MARIANI, C. B.; VILHENA, M. A. *Teologia e arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- PORTELLA, R. A mística poética de Adélia Prado: os sentidos de uma paixão. *Mandrágora*, v. 8, n. 9, p. 97-107, 2008.
- PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- REBLIN, I. A. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2009.
- TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: IEPGCR, 1992.
- TREVISAN, A. *Nova antologia poética: 1967-2001*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- ZWETSCH, R. E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.
- ZWETSCH, R. E. Vento, brisa, furacão: sobre poesia e teologia – percepções desde a literatura brasileira. *Protestantismo em revista*, v. 31, p. 75-93, maio/ago. 2013.

ZWETSCH, R. E. Experimentar Deus hoje através da arte e da poesia. In: SOUZA, J. C. de; RENDERS, H. (Org.). *Experimentar Deus hoje: a propósito dos 275 anos da experiência religiosa de John Wesley*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2014. p. 131-161.

Recebido: 21/05/2014

Received: 05/21/2014

Aprovado: 15/08/2014

Approved: 08/15/2014